

**ENTRE OLHOS D'ÁGUA E INSUBMISSAS LÁGRIMAS:
MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA LITERATURA
NEGRO-BRASILEIRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**BETWEEN WATER EYES AND UNSUBMITTED TEARS: MULTIPLE
REPRESENTATIONS OF FEMALE IN BLACK-BRAZILIAN LITERATURE
BY CONCEIÇÃO EVARISTO**

Talita Rosetti Souza Mendes¹
Karine Aragão dos Santos Freitas²

RESUMO

Objetiva-se, com este artigo, ressaltar múltiplas representações femininas na literatura negro-brasileira de Conceição Evaristo. Para isso, analisam-se quatro contos de duas obras – *Olhos d'água* (2014) e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011). A partir das personagens Luamanda, Cida, Shirley Paixão e Maria do Rosário Imaculada dos Santos, observa-se a versatilidade nas representações de mulheres negras em uma perspectiva de dentro. Notam-se inovadoras contribuições da escriturística evaristiana, visto que, em seu projeto literário, propicia representações que, longe de serem exóticas ou superficiais vistas na literatura hegemônica baseada em ideais de colonialidade, humanizam esse grupo a partir de sua própria diversidade.

Palavras-chave: literatura negro-feminina, representações literárias, escriturísticas, Conceição Evaristo.

ABSTRACT

The aim of this article is to highlight multiple female representations in the black-Brazilian literature of Conceição Evaristo. For this, four short stories from two works are analyzed - *Olhos d'água* (2014) and *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011). From Luamanda, O cooper de Cida, Shirley Paixão and Maria do Rosário Imaculada dos Santos, the versatility in the representations of black women is observed from an inside perspective. Contributions of the Evaristian writing are noted, since, in its literary project, it provides representations that, far from being exotic or changed views in the

¹ Doutora em Estudos de Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora-Pesquisadora da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV – LABFORM, FIOCRUZ). ORCID: 0000-0003-2281-2723 / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2578819368204070> / E-mail: talita.rosetti@fiocruz.br

² Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora Substituta da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). ORCID: 0000-0003-4859-8497 / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0349901861239348> / E-mail: karinearagao@letras.ufrj.br

hegemonic literature based on ideas of coloniality, humanize this group from its own diversity.

Keywords: black-female literature, literary representations, escrituras, Conceição Evaristo.

Colonialidade, intelectualidades insurgentes e literaturas negro-brasileiras

O sistema colonial europeu imposto ao/no Brasil e em outros países que se configuraram como colônias – sobretudo de exploração, principalmente, a partir do processo de escravização de diferentes sujeitos africanos que foram forçados a contínuos movimentos diaspóricos, até hoje, apresentam precarizados e violentos desdobramentos aos corpos negros (SCHWARCZ, 2019; SCHWARCZ e STARLING, 2015). Essa realidade é, segundo Quijano (2005), entre outras questões, fruto de experiências, diretamente relacionadas à colonialidade, processo a partir do qual ideias e comportamentos, em diversos níveis, não se dissipam mesmo após o processo histórico de independência de territórios antes, formalmente, dominados.

Em outras palavras, ainda que tenha existido ruptura em termos formais, a hegemonia do colonizador imperialista permanece em campos simbólicos, ideológicos, interacionais, políticos e físicos, perpetuando-se, ao longo do tempo, e sendo reafirmada ainda no século XXI. Essa perpetuação deixa-se entrever, por exemplo, em discursos e em práticas que objetificam, animalizam, silenciam e aniquilam (MBEMBE, 2018) aqueles que foram circunscritos no forjar da raça negra como mote para o trabalho forçado e para a desmobilização da humanidade (KILOMBA, 2018) em uma profunda tentativa de fazer “*não-ser*” (CARNEIRO, 2005) como se houvesse subjetividade a ser destituída ou, simplesmente, como se a nenhum mundo pertencessem pessoas que experimentaram/experimentam a afro-diáspora na prática em moldes (pós) coloniais (FANON, 2005, 2008).

Na esteira dessas graduais desumanizações de indivíduos de cor, privados da terra e de tantos outros direitos básicos à qualidade de vida – mesmo após a “Abolição

da Escravatura”³ no Brasil, por exemplo, encontrou-se e ainda se encontra, por outro lado, o imperioso fixar da universalização da humanidade no sujeito branco, ocidental, cristão, heterossexual – dotado de posses, de escolarizações, de estéticas valorizadas, do poder decisório de reafirmar-se em escalas hierárquicas no mundo como aqueles que ocupam o topo, acreditando-se “espelhos” e “exemplos” para os demais sujeitos sobre os quais se impõem – numa ideologia de supremacia sustentada por um pacto narcisístico da branquitude que se apoia em um, pretense, “pertencimento” europeu (BENTO, 2022).

Tal engendramento, completamente inscrito em substratos patriarcais, afetou e ainda afeta, indiscutivelmente, a construção de gênero das mulheres em diversas territorialidades, sobretudo as que situavam-se e ainda se situam nas (ex) colônias (LUGONES, 2008), configurando-se como alvos de opressões de diferentes modos, sendo o *feminino preto* o mais suscetível a uma existência não vivível, isto é, invisível e, muitas vezes, sequer “*digna de luto*” em sociedades, largamente, sexistas e racistas (BUTLER, 2011)⁴, como a brasileira, porque elas se encontram, indiscutivelmente, em um campo interseccional de maior opressão (AKOTIRENE, 2018), tal como grupos que não se enquadram em categorizações de gênero também correlacionadas a sistemas coloniais (BUTLER, 2003).

Na sistemática infantilização ou na constante tentativa de domesticação do *ser mulher*, calcada em rígidas tecnologias de gênero (LAURETIS, 1994) que promovem controle da sexualidade (FOUCAULT, 2012) e que negam o prazer e a liberdade (LORDE, 1984), também ficam evidentes as tentativas de controle sobre o acesso ao

³ Optamos por colocar a expressão entre aspas por acreditarmos que a ruptura da escravização de pessoas, no Brasil, não garantiu outra forma de vida à parcela esmagadora da população que seria “não mais escravizada”, ou, pretensamente, liberta. Além de existirem leis proibitivas em relação à escolarização (1837) e à possibilidade do acesso a terras (1850), a Lei do Ventre Livre (1871) e a Lei do Sexagenário (1885), antes da “Abolição”, não resguardavam a liberdade de negros nascidos, uma vez que não poderiam viver longe de mães escravizadas, tampouco negros idosos conseguiam chegar à idade prevista no sistema de trabalho forçado em que viviam. Após a Lei Áurea (1888), por sua vez, a Lei dos Vadios e dos Capoeiras (1890) oprimia a expressão da cultura afro-brasileira, além de servir de justificativa para o castigo e o aprisionamento/encarceramento de negros que se manifestassem, culturalmente, em espaços públicos, o que, de certo, era uma tentativa de desmobilizar coletivos que se identificassem de diversas formas. Para mais informações acerca de Gestão de Políticas Públicas de Gênero e de Raça, recomendamos as pesquisas de Joceline Gomes.

⁴ Judith Butler discute como sociedades, em suas próprias hierarquias e em suas próprias escalas de valores, decidem quais indivíduos têm direito a ter direitos, sendo um deles o direito à existência plena, ao luto quando a vida se esvai. Ao olharmos para as vidas negras perdidas no Brasil, compreendemos como muitas famílias não têm direito ao luto diante das necropolíticas executadas.

desenvolvimento e o reconhecimento da intelectualidade (SANTOS, 2018), uma vez que, a partir de movimentos epistemológicos femininos, tornam-se possíveis formas outras de, hermeneuticamente, interpretar o mundo e, como consequência, buscar transformá-lo de modo a desconstruir opressões seculares – sobretudo na união coletiva.

O cerceamento e o não reconhecimento da articulação e da produção intelectual feminina, principalmente racializada, nesse sentido, foi/é notória em diversificados âmbitos no Brasil, uma vez que, neste território, mulheres foram e são, inúmeras vezes, vetadas do direito à escolarização em esfera básica e universitária⁵, à participação política (seja como votante, seja como representante)⁶, ao trabalho de igual ou de melhor remuneração⁷ – questões que lhes garantiriam, por exemplo, emancipação e

⁵ Segundo Ribeiro (2003, p. 24), durante séculos, no Brasil, “[...] a educação feminina restringia-se a boas maneiras e prendas domésticas”. Isso, para mulheres brancas, uma vez que, para mulheres negras, a realidade do trabalho sem escolarização ocorreu de modo sistemático, antes e após a “abolição”. O direito à escolarização formal para mulheres, no país, se deu apenas em 1827, com a Lei das Primeiras Letras, que incluiu escolas para meninas apenas em vilas e em cidades mais populosas e com maior aquisitivo – o que garantiu que mulheres brancas, por exemplo, fossem tardiamente escolarizadas se comparadas ao universo masculino e muito antes escolarizadas se comparadas às mulheres negras, que se mantinham cerceadas dessa possibilidade por inúmeras artimanhas legais e sociais (Pereira, Favaro e Semzezem, 2021). Em relação às universidades, segundo Blay e Conceição (1991), a primeira mulher a ingressar na universidade no Brasil foi no estado da Bahia, no ano de 1887, formando-se pela faculdade de medicina. As brasileiras só foram autorizadas a frequentarem um curso superior no ano de 1879 quando a elas fora concedido o direito de frequentarem o ensino universitário por Dom Pedro II, então Imperador do Brasil, sendo, novamente, acessível a uma pequena parcela de mulheres brancas. O ingresso de negras aumentou, por sua vez, apenas nas últimas duas décadas, a partir de políticas afirmativas e agendas públicas que se preocupam com a permanência das mulheres de cor na universidade. Em termos de evasão, convém lembrar que são negros, meninos e meninas, os que mais cedo e em maior número abandonam os bancos escolares. Em censo realizado pelo IBGE, antes da pandemia, o principal motivo era a necessidade de trabalho precoce. Estima-se que, após a pandemia, os números sejam ainda mais alarmantes entre a população não-branca. Para mais, ver: Negros são 71,7% dos jovens que abandonam a escola no Brasil. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/06/negros-sao-717-dos-jovens-que-abandonam-a-escola-no-brasil.shtm> Acesso em: 29 abr. 2023.

⁶ Apenas em 1932, é conquistado o direito ao voto feminino no Brasil e, embora existam mais mulheres na política atualmente, estão em menor número e em situação de violência política de gênero e de raça. Em pesquisa realizada, em 2021, pelo Instituto Marielle Franco, relatos inéditos de 11 parlamentares negras de todas as regiões do Brasil mostram que, eleitas ou não, mulheres, sobretudo negras, seguem desprotegidas, porque são agredidas verbalmente tanto em “casas de leis” quanto fisicamente fora dos espaços oficiais de exercício político. Para mais, recomendamos o Observatório de Violência Política. Disponível em: <https://www.violenciapolitica.org/> Acesso em: 29 abr. 2023.

⁷ Mulheres que conseguem escolarização mais avançada, no Brasil, ainda ganham menos que homens com formação semelhante ou inferior, o que mostra disparidade de reconhecimento do trabalho formal. Para mais, ver pesquisa do IBGE detalhada em matéria disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/mulher-estuda-e-trabalha-mais-mas-ainda-ganha-menos-que-homem-diz-ibge/> Acesso em: 29 abr. 2023.

autonomia para transformar mais rapidamente o que, historicamente, vem sendo, de forma desigual, oportunizado.

No campo literário, por exemplo, em que homens pertencentes às elites econômicas, tais como Silvio Romero, Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi, Antônio Cândido, entre muitos outros, ditaram os cânones a partir de suas réguas estéticas e de seus valores de mundo, o número de mulheres escritoras tidas como canônicas é considerado, significativamente, menor se comparado ao número de homens selecionados como exemplares para literatura nacional (DALCASTAGNÈ, 2002). Tais mulheres, por sua vez, também são majoritariamente brancas, o que revela que raça, como categoria social, também assinala inteligibilidades referentes aos desafios enfrentados por negras. Assim como homens negros (ainda em maior número, se comparados com mulheres negras), elas já escreviam e produziam entendimentos acerca de si, dos movimentos históricos, sociais e culturais, mas não obtinham reconhecimento em seu tempo ou mesmo fora de seus núcleos de produção, que não foram poucos nem mesmo antes do movimento de organização promovido no importante *Cadernos Negros* (SANTOS, 2018).

A título de exemplo dessa desmobilização do reconhecimento da negritude na literatura como forma potente de criar inteligibilidades sobre grupos, sobre suas percepções e sobre as percepções de outros acerca deles, podemos citar Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, reconhecidas, atualmente, mas sufocadas em seus respectivos contextos de produção⁸ – algo que, por exemplo, não aconteceu, em mesma medida, com as poucas mulheres brancas escritoras e com os inúmeros homens que ganharam destaque e que representavam negros e negras de formas, quase sempre, estereotipadas – exóticas e pouco críticas, o que também afirmava lugares subalternizados e marginalizados no imaginário social via linguagem. Isso, vale destacar, quando chegavam a elaborar tais representações, quase sempre em segundo

⁸ Segundo Santos (2018), ainda hoje, é possível perceber que a produção das mulheres negras baila em terreno de tensão – quase sempre sendo relegada ao testemunho e não a uma literatura, em si, dotada de estética própria, de articulação intelectual, de profunda reflexão diante das realidades sociais que demandam percepção do mundo e elaborações complexas para transformá-las em obra artística. Nesse sentido, a autora recupera, em Dalcastagnè (2012, p.21), que “Ler Carolina Maria de Jesus como literatura, colocá-la ao lado de nomes consagrados, como Guimarães Rosa e Clarice Lispector, em vez de relegá-la ao campo do “testemunho” e do “documento”, significa aceitar como legítima a sua dicção, que é capaz de criar envolvimento e beleza”.

plano, sem protagonismo ou sem papel relevante, e não, simplesmente, apagando das obras literárias como se não existissem grupos racializados na sociedade (DALCASTAGNÈ, 2002, 2012; CUTI, 2012).

Nesse sentido, na contemporaneidade, a insurgência da literatura negro-brasileira, sobretudo negro-feminina, conforme Santos (2018) e Alves (2010), retira da invisibilidade inquietações e cenários silenciados ao longo da história e do próprio cenário da literatura nacional, rompendo com ciclos de apagamento de/em produções nas quais se colocam em pauta discussões de gênero, de classe e de raça também asfixiadas por uma falsa democracia racial baseada em ideais de mestiçagem no país (SANTOS, 2006). Além disso, segundo Santos (2018), o reconhecimento dessa literatura propicia o olhar para mulher negra como “intelectual engajada na luta pela transformação” (SANTOS, 2006, p. 12), em uma “construção da cidadania na sociedade brasileira, em termos étnico-raciais, para levar o cidadão, não apenas negro, a refletir acerca de processos que permeiam o cotidiano de marginalização e de subalternização” (SANTOS, 2006, p. 12).

Com esse reconhecimento, a literatura escrita por mulheres negras ganha “local de força, de resistência, de afirmação e de denúncia” (SANTOS, 2006, p. 15), o que também desestabiliza a antiga objetificação da mulher negra unicamente para força de trabalho físico, não dotada de possibilidade de intervenção social e sem possibilidade de fratura/rompimento com “contratos de fala e de escrita ditados pelo mundo branco” (BERNAN, 1988, p. 22). Torna-se, conforme Fonseca e Souza (2006, p. 16), estratégia de desconstrução da imagem do negro visto como “máquina-de-trabalho”, “coisa ruim” ou “objeto sexual”, sendo incentivados inúmeros processos de reconhecimento da óbvia capacidade de fabulação e de produção artística.

Diante desses entendimentos, que reafirmam o lugar e o valor da intelectualidade negra como contracorrente hegemônica colonial, para este artigo, selecionamos duas obras de Conceição Evaristo, escritora que, de certo, é referência para negritude em diversos âmbitos por, entre tantas produções, ecoar vozes-mulheres (EVARISTO, 2017). Entendemos também, alinhadas a Duarte (2010, p. 149), que a autora rompe com antigas “máscaras coloniais”, desestabilizando cenários de teoria

crítica hegemonicamente dados, sendo inegável sua contribuição para a literatura nacional e, conseqüentemente, para a sociedade brasileira.

Selecionamos para análise, nesse contexto, *Olhos d'agua* (2016) e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), uma vez que são coletâneas representativas por trazerem diferentes facetas do *ser mulher negra* no Brasil, sendo essa nossa justificativa para o trabalho com as obras. Devido ao restrito escopo deste artigo, optamos por quatro contos, dois de cada livro, reconhecendo, claro, que ambas as obras, e mesmo os quatro contos, dariam longos e profundos trabalhos por si – percurso que pretendemos também incentivar com este trabalho.

Luamanda, Cida, Shirley Paixão e Maria do Rosário Imaculada dos Santos foram as personagens escolhidas, porque gostaríamos de ressaltar diferentes representações femininas na diversificada *escrevivência* evaristiana, questão que consideramos a seguir. Almejamos, com o trabalho, reiterar o valor de Conceição Evaristo para a prosa negro-brasileira contemporânea, como assim também reverbera a pesquisadora Miriam Cristina dos Santos (2018), forte referência para a articulação aqui promovida.

Escrevivência evaristiana e pluriversalidade sob perspectiva de “dentro”

Na origem da minha escrita, ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas com dona em voz alta uma para as outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. *Como ouvi conversas de mulheres!* Falar e ouvir entre nós era, talvez, a única defesa, o único remédio que possuímos. Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeira dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como “cabeça” da família, elas construíram um mundo próprio, muitas vezes, distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. (EVARISTO, 2017, p. 20).

Regina Dalcastagnè, nos artigos “Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea” (2002) e “Imagens da mulher na narrativa brasileira” (2007), expôs dados referentes à representação da mulher, em diferentes recortes, em 150 obras produzidas entre o fim do século XX e o início do século XXI. Interessante é notar que, à época, além de constarem, no quesito da autoria,

pouquíssimos nomes negros no cenário literário nacional, os resultados apontavam que as representações atreladas a personagens negros/negras construídos também reverberavam complexos imaginários sobre pessoas de cor. A partir desses estudos, Dalcastagnè propôs um olhar para representação, classificando essa categoria em três instâncias: a *exótica*, a *crítica* e a *de dentro*. A autora chama atenção para o fato de que a representação literária é, antes de tudo, parte da produção artística que entrelaça perspectivas sociais e interesses políticos, uma vez que, ao elaborarmos o outro para o social, também o reafirmamos em determinado lugar ou combatemos visões que, acerca dele, podem ser possíveis a partir da fabulação literária (DALCASTAGNÈ, 2002).

Acerca da primeira classificação, conforme a autora, há representação *exótica* do “outro”, com caracterizações já recorrentes nas esferas sociais, o que reforça medos, preconceitos e sentimentos negativos atrelados a escalas de superioridade/inferioridade de um gênero sobre o outro, de uma classe sobre a outra, de uma raça sobre a outra. A mulher negra, nesse cenário, seria, por exemplo, aquela que, se não estivesse completamente ausente/apagada, figuraria papéis que em nada contribuíam para a mudança de olhar para aqueles que representava, servindo à manutenção da hierarquia dominante que marginaliza grupos subalternizados de modo não aprofundado ou, simplesmente, não reflexivo, alienado.

A segunda classificação, por sua vez, considerada *crítica*, ainda que fale de um “outro”, pertencente a um grupo do qual o autor não faz parte, deixa entrever certo desconforto com a realidade/desigualdade social, produzindo desestabilização da visão dominante acerca, por exemplo, da profundidade existencial de personagens que representam estratos ou categorias sociais subalternizadas e periféricas, combatendo a superficialidade promovida pela representação *exótica* que, costumeiramente, traz personagens pertencentes a parcelas minoritárias como figurantes em papéis apressados.

Por último, em terceira categoria, mais distante de representações produzidas por pessoas que não vivenciam realidades narradas (não que sejam impedidas de fazê-las), há representação em perspectiva de *dentro*, ou seja, desenvolvida por alguém cujo olhar e cuja voz estão atrelados ao grupo de pertença do qual faz parte, sendo ele, historicamente, marginalizado, o que torna possível também detalhamentos atentos e não presos a unicidades, a repetições de características, a essencialidades, porque se

entende que, ainda que parte de um grupo, ele não é homogêneo, é plural e, portanto, há combate à ideia de que pessoas com características em comum são/estão sempre apresentadas de igual forma na sociedade, tendo as mesmas agências, os mesmos afetos, os mesmos pontos de vista, os mesmos comportamentos – ainda que a sociedade, por vezes, tente produzir essas reduções. A perspectiva de *dentro*, nesse sentido, combate tentativas de igualar pessoas de um mesmo grupo ainda que não deixe de reconhecer que, dentro dele, experiências de opressão se toquem muito constantemente. É, por assim dizer, muito mais pluriversal, porque não uniformiza pessoas e experiências. Nas palavras de Dalcastagnè (2015, s/p)⁹, “[...] a riqueza dessa condição feminina plural se estabelece exatamente na tensão entre unidade e diferença”, trazendo novas possibilidades ao público-leitor.

A *escrevivência evaristiana*¹⁰, nesse contexto, está alinhada a essa última possibilidade de classificação, sendo representativa e com representação de “*dentro*” – ainda que, claro, seja autônoma, fortalecida e legitimada no universo literário contemporâneo. A conexão entre as questões, entretanto, nos ajuda a perceber como Conceição Evaristo é uma escritora versátil, trazendo personagens que, ao revelarem opressões e/ou libertações sociais vividas, são muito distintas entre si – o que revela primoroso trabalho ético e estético, possibilitando ao leitor não só experiências exotópicas (AMORIM et al, 2022), no sentido de sair de si em direção ao outro, em

⁹ Dalcastagnè, Regina. Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea. A construção do feminino no romance brasileiro contemporâneo”. Disponível em: <http://gelbcunb.blogspot.com/2015/07/a-construcao-do-feminino-no-romance.html> Acesso em: 16 jul. 2023.

¹⁰ Conforme o portal LiterAfro, referência em informações acerca da literatura afro-brasileira, Maria da **Conceição Evaristo** de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. Em 1970, muda-se para o Rio de Janeiro. É graduada em Letras pela UFRJ, e trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, com a dissertação “*Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*” (1996), e doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese “*Poemas malungos, cânticos irmãos*” (2011). Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar suas obras na série *Cadernos Negros*. Escritora versátil, cultiva a poesia, a ficção e o ensaio. Desde então, seus textos vêm angariando cada vez mais leitores e mais pesquisas relacionadas a sua obra, tanto no Brasil quanto no exterior. O termo/conceito “*escrevivência*” é também de sua autoria, sendo movimento seguido por inúmeras outras intelectuais negras que desenvolvem literatura no Brasil contemporâneo. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo> Acesso em: 30 abr. 2023.

exercício empático, bem como reflexões importantes ao cenário nacional frente às mulheres negras que ainda se encontram em estratos sociais desiguais, sendo vistas, muitas vezes, com antigos olhares coloniais. Evaristo, nesse sentido, combate o imaginário da mulher negra como “corpo escravo”, destituído de linguagem, sem percepções, ausente em articulações de ações em prol do próprio coletivo como, em muitas obras, hegemonicamente canônicas e brancas, está representada (SANTOS, 2018).

No que classifica como *escrevivência*, Evaristo (2007) aponta uma literatura negro-feminina que é marcada por experiências que, intelectualmente, são mobilizadas no campo literário. Santos (2018), indica esse tipo de literatura como movimento relacionado à “*política do cotidiano*” – termo cunhado por bell hooks (1995), uma vez que revela consciência do lugar em que se encontra na sociedade em que se vive, mostrando que a literatura negra não é mera repetição da realidade, mas uma capacidade de apreendê-la e de transformá-la em obra literária que atravessa leitores negros e não negros de diversas maneiras (SANTOS, op. cit). De acordo com Cortês (2016), há, na *escrevivência* evaristiana, também possibilidade de transformar a experiência individual em identificação coletiva, profundamente, afetiva, visto que pode propiciar, de um lado, dor e desconforto – e, de outro, fruição e sentimento de justiça, via texto criativo, não cópia da realidade, mas que pode transbordá-la diante de tantos processos de silenciamento histórico.

A *escrevivência* de Evaristo, dessa forma, é poética potente e combativa em diversos âmbitos: inovadora na estética escrita, pluriversal na representação feminina, resistente na elaboração da mulher negra como agente social - seja na intelectualidade da literatura em si, seja no interior das histórias que constrói.

Tal como Carolina Maria de Jesus, nesse sentido, não pode ser reduzida a autora testemunhal de dura realidade, mas intelectual negra que, a partir de um trabalho literário complexo, cria dimensões a partir daquilo que enxerga e que critica frente a mazelas sociais. Nesse sentido, pode ser considerada, conforme classificação de Duarte de Assis (2010), parte do projeto literário afro-brasileiro, já que se faz constantemente comprometida com aspectos, tais como temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público – além de inserida na literatura negro-brasileira, conforme Santos (2018), uma

vez que, inevitavelmente, está comprometida com uma agenda feminista racializada, de base negra, de forte valorização ancestral, tendo como foco representação e representatividade pluriversais negro-brasileiras. A partir desses entendimentos, trazemos exemplos em quatro contos, de duas obras distintas, o que, nem de longe, reafirmamos, esgota a potência e a contribuição de sua literatura.

Femininos em Olhos d'água e em Insubmissas Lágrimas de Mulheres

Ao considerarmos, em contos negro-brasileiros escritos por mulheres, uma multiplicidade de olhares e de modos de conceber a mulher negra, essa proposta de heterogeneidade questiona noções de identidades tradicionais fixas e estáveis, estereotipadas, bem como coloca em discussão a instabilidade das identidades negras dentro de um projeto de nação. (SANTOS, 2018, p. 23).

Olhos d'água e Insubmissas Lágrimas de Mulheres são obras compostas por contos relacionados a figuras femininas negras. Ambas nos chamaram atenção, inicialmente, pela poética do corpo presente nos títulos, principalmente, a partir dos olhos como possíveis representantes de diversas emoções e de formas de enxergar a vida. Como mulheres não brancas, o conteúdo das duas obras também nos atravessaram e, na impossibilidade de escolher uma análise de todos os contos, dado o escopo desta proposta, selecionamos figuras femininas que foram representadas de diferentes formas por Conceição Evaristo. São elas: Luamanda, Cida, Shirley Paixão, Maria do Rosário Imaculada dos Santos.

Luamanda é o sétimo conto da coletânea *Olhos d'água*. A narrativa, em terceira pessoa, inicia-se com a protagonista diante do espelho, observando seu colo, seu pescoço, sua pele incapaz de denunciar as quase cinco décadas de vida. Uma “*vida-estrada*” (EVARISTO, 2016, p. 59) – como nos diz a narradora – repleta de trambolhões e de acidentes de percurso enquanto busca relações afetivas com outros corpos, relações permeadas por questionamentos viscerais sobre as significações do amor. Parece-nos, de alguma forma, que o corpo de Luamanda não denunciaria sua idade por anunciar seu constante ciclo de morte e de renovação como a lua – parte de seu nome, faceta individual tão significativa e própria nas culturas afro-diaspóricas.

É no próprio corpo que existem todas as experiências de Luamanda. Desde nova, é no corpo que sente a surra da mãe e se questiona: “*o amor dói?*” (EVARISTO,

2016, p. 60). É no corpo que, aos treze anos, vive um “*amor-terremoto*” em pleno terreno baldio, a materializar-se em um falo intumescido a espetando no meio das pernas. Corpo que vive cinco gestações, oscilando entre um tempo grávido e um tempo de expulsão de sangue e de “*águas-lágrimas*” (EVARISTO, 2016, p. 61). Reconhecendo seu corpo como lugar de prazer e de liberdade, também se experimenta em braços semelhantes aos seus. No falo ausente, encontra a umidade com os passos de uma leve “*dança-amor*” (EVARISTO, 2016, p. 61).

No jovem falo presente, monta como amazona até sentir que teria todo corpo penetrado, das pernas à boca, em um excesso de amor, de prazer que a transborda. É uma personagem que contrasta, nesse aspecto, com as tecnologias, socialmente opressoras aos corpos femininos. Ainda que existam questionamentos acerca dos afetos, há um corpo que vivencia o prazer com deleite, com direito de ser inteiramente dona de sua sexualidade.

Como a lua que movimentava as marés, Luamanda é cúmplice dos movimentos do seu corpo, de suas múltiplas fases. A relação estabelecida entre Luamanda e a lua percorre a narrativa: assim como a lua, a mulher desdobra-se em faces, desejos e possibilidades. É um corpo atravessado pelas pulsações e pelas pulsões, em uma perspectiva que não se organiza a partir de dicotomias e da racionalização do desejo. O furor com que aproveita a vivacidade do jovem falo pode transformar-se na experiência do *amor-paciência* à espera do milagre no corpo do velho, sobre o qual executa lentamente, como quem espera um milagre, o ritual do amor. Duas experiências distintas, mas que não entram em oposição, pelo contrário, traduzem a comunhão entre os múltiplos desejos do corpo de Luamanda. Seu corpo é feito para sua própria satisfação.

A comunhão de Luamanda com seu próprio corpo, seu movimento livre de mulher, vai de encontro a uma estrutura hegemônica, normativa, patriarcal, eurocentrada de pensamento que, por vezes, compreende o prazer sexual feminino como algo que deve ser suprimido e controlado. Nessa *dança-liberdade*, haverá pares que não a acompanharão. O ritmo livre de Luamanda, por certa vez, é interrompido por um homem que não aceita o fim e, covardemente, a viola com um espeto fino. É nesse

corpo-lua que se desenha uma cicatriz, marca eterna deixada por quem tentara controlar suas fases.

Como sujeito de seu próprio corpo, dona de sua sexualidade, Luamanda caminha entre encontros e desencontros que, para ela, são uma aprendizagem do por dentro e do por fora. O corpo avó, mãe, amiga, companheira, amante, *alma-menina* não se vergonha de seu narcisismo ao contemplar-se no espelho, reconhecendo, em si, a vivacidade de quem sempre se descobre, de quem imagina a beleza dos fios brancos, quando tomarem toda cabeça, desenhando-se sobre o rosto negro. Luamanda personifica, em suas plurais vivências de *amor-desejo*, a experiência de um *corpo-eros*, constantemente, aberto à vida. A textualidade-poética de Conceição Evaristo e o *corpo-poesia* de Luamanda, nesse sentido, se desdobram em uma narrativa que, a todo tempo, nos questiona sobre se haveria apenas uma definição sobre o amor, enquanto observamos Luamanda e seu deslizar sobre o céu.

Em uma esteira semelhante à observação de um corpo, está o oitavo conto da coletânea *Olhos d' água*: “O cooper de Cida”. Também a partir de um narrador em terceira pessoa, em recorrente estrutura de discurso indireto-livre, Conceição, em vez de nos trazer um corpo-livre de mulher, apresenta-nos um *corpo-presos*, movido não pelo prazer, mas pelas obrigações de uma rotina tão acelerada que suas pernas correm pela vida sem que os pés toquem o chão: “Era preciso buscar sempre. O que tinha ficado para trás, o agora, o que estava por vir.” (EVARISTO, 2016, p. 65). Há, no trecho, uma contradição latente: o corpo de Cida, ao mesmo tempo que figura um *corpo-corredor*, andante em espaços físicos, é, da mesma forma, um corpo de subjetividades presas, limitadas ao que uma vivência veloz do tempo permite.

Associando à criação de imagens poéticas à construção linguística que a traduz, a rotina de Cida é narrada como uma lista de tarefas em que a arrumação justaposta das frases nos transmite essa velocidade: “Fervia o leite, arrumava a mesa, voltava ao quarto, avançava sobre o guarda-roupa e atracava-se ao uniforme de trabalho [...] Voava pelas escadas, pois o elevador era lento.” (EVARISTO, 2016, p. 66). Nota-se, além disso, a semântica dos verbos escolhidos por Evaristo que percorrem todo o conto: “corre”, “voa”, “atraca-se”, entre outros. Cida é uma mulher que – imersa no domínio do capital, da produtividade ininterrupta, do trabalho como *pilar-dilacerante* de

sustentabilidade financeira – corre sobre “a corda bamba, invisível e opressora do tempo” (EVARISTO, 2016, p. 66), pois sempre é preciso avançar, encontrar um lugar possível que só permite prazeres rápidos e mal sentidos, questão que posiciona, nesse aspecto, a personagem em vivência sexual contrária à de Luamanda. Cida, de certa forma, parece correr mais do que a lua ou, simplesmente, viver sem que seja possível perceber as mudanças de fase, inclusive, as suas, que pulam do universo infantil no interior ao mundo adulto da metrópole.

Em contrapartida aos habitantes de sua cidade natal, Cida avança, mas avança para onde com tamanho sentimento de urgência? Avança para o Rio de Janeiro, cidade maravilhosa que a impõe um dia assoberbado de obrigações, de noites de gozos rápidos, de orgasmos premeditados, de amores breves e de cursos que proporcionam efeitos imediatos. Será essa a imagem contemporânea do avanço: “[...] correr para chegar antes, conseguir vaga, o lugar ao sol, pegar fila pequena no banco, encontrar a lavanderia aberta, testemunhar metade da missa.” ? (EVARISTO, 2016, p. 67). Será assim para todos ou muito mais agravantes para mulheres como ela?

Tentando se equilibrar na corda bamba do tempo, em uma corrida contra ela própria, Cida, em dia de *cooper* matinal no calçadão da praia antes de ir para o trabalho, é surpreendida por um “desejo de querer parar, de não querer ir” (EVARISTO, 2016, p. 67). Em uma epifania, a lentidão dos passos acontece sem que ela perceba e ela pode observar o mar em seus movimentos repetidos por séculos em uma monotonia que a contrasta, mas em uma previsibilidade que lhe é consonante: afinal, o que era sua vida além de levantar, correr, sair, voltar?

Tomada pela surpresa de estar andando e não correndo, Cida sente a presença de um corpo que lhe era ausente, de impossível apreensão e percepção diante de seu ininterrupto *cooper* diário: a planta dos pés toca o solo, sente o coração e os seios, lembra que é uma mulher, e não uma máquina desenfreada programada para “correr correr” (EVARISTO, 2016, p. 68). Esse corpo vivo, desincorporado do cotidiano, já não se contenta em estar envolvido pelo tênis e, agora sim, avança desejoso de sentir a areia da praia, desejoso de se lançar no mar e encontrar as riquezas e os mistérios que ele abriga.

Se, para a personagem Luamanda, a indagação que lhe percorre é sobre o amor, para Cida, são perguntas sobre o tempo que lhe tomam nesse instante epifânico de encontro com a visão do mar: “Ou o tempo não se media com moeda, ou as horas, os dias, os anos não seriam medidas justas do tempo. Ela estava com vinte e nove anos. Pouco? Muito? Medir, comparar, aquilatar os anos em relação a quê?” (EVARISTO, 2016, p. 69). Mesmo diante da quebra da previsibilidade de saber que às sete e quarenta e cinco, Pedro acionaria a buzina e, se o trânsito estivesse bom, eles chegariam ao escritório na Rio Branco às oito e quarenta e cinco, Cida decide voltar caminhando calmamente para casa. Em oposição ao desespero de Pedro, que a espera em frente ao prédio questionando seu atraso – “ela fora assaltada?” (EVARISTO, 2016, p. 69) – Cida vive a extrapolação do tempo – quicá, do corpo, da vida – e decide que, pelos menos, naquele dia, o *cooper* se encerraria ali, “ela ia dar um tempo para ela” (EVARISTO, 2016, p. 70).

Ao tomar essa decisão, Cida é representada também como mulher que reconhece e que reflete, mesmo após muitos movimentos repetitivos, que há homens que nadam na praia enquanto mulheres correm sem dar conta da vida, reflexão que faz Cida mudar o ritmo naquele dia e que, sem dúvida, atravessa leitoras que, antes dessa leitura, talvez também não tenham se dado conta de como correm, por necessidade, por imposição social, ou, ainda, ambas as questões, sem que consigam encostar os pés tranquilamente no solo em que habitam.

“*Shirley Paixão*”, por sua vez, é o terceiro conto de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Com título emblemático, inicialmente, a narrativa de Shirley, em primeira pessoa, sugere que a protagonista é passional - guiada, em primeiro plano, por suas emoções. Algo, no entanto, é revelado já nas primeiras linhas do texto a partir da voz da própria personagem: “[...] quando vi caído o corpo ensanguentado daquele que tinha sido meu homem, nenhuma compaixão tive” (EVARISTO, 2011, p. 27).

Nesse instante, a frieza de Shirley, em contrapartida com a alcunha de “Paixão”, é apresentada ao leitor: resta, no entanto, percorrer as demais linhas para entender por qual razão sentia-se dessa forma, inclusive, sem arrependimento, por ter, de fato, tentado matar o homem com quem vivera por muitos e longos anos. “Não adianta me perguntar se me arrependi. Arrependi não. Confessei à polícia o meu desejo, a minha

intenção.” (EVARISTO, 2011, p. 27) – essas são declarações da personagem que nos fazem interessadas em saber o que havia acontecido entre ela e o homem em quem, segundo ela, havia depositado muita confiança ao longo de significativo tempo.

Ao passo que o conto se desenvolve, o leitor tem maior e melhor acesso a quem é Shirley: uma mulher que, abandonada pelo pai de suas duas primeiras filhas, encontra em um novo vínculo amoroso nova possibilidade de estabilizar-se em uma família com cinco crianças, “duas dela”, “três do marido”, cujo nome não é revelado ao leitor. São todas meninas que, parecidas fisicamente, entre elas, selam irmandade com as quais Shirley estabelece profundo sentimento de afeto – algo assinalado no texto, muitas vezes, a partir de termos, tais como “minhas meninas”, “minhas filhas”. Com elas, Shirley narra movimentos de cumplicidade e de proteção que, por vezes, aborrecem o marido que, constantemente, implica com Seni, a filha mais velha, sem que a protagonista entendesse, inicialmente, a razão das implicâncias.

Shirley é a mulher que, integralmente, assume a responsabilidade pelas filhas do marido que, cedo, ficaram órfãs de mãe. É ela quem percebe a timidez de Seni, que ouve atentamente as orientações na escola, que protege quando julga que o marido é, estupidamente, violento no trato em predileção com a menina. Tal personagem é a mãe que conduz a união entre o feminino familiar, sendo referência e, ao mesmo tempo, alvo de muito carinho. A paixão de Shirley, no fundo, é revelada ao leitor no plano materno. “Mãe, me tornei de todas elas.” (EVARISTO, 2011, p. 28). Seni, por sua vez, apresenta perfil parecido: zelosa com as irmãs, com Shirley, com ela mesma – sendo reconhecida pela protagonista como alguém que oferecia “amor para quem convivesse com ela” (EVARISTO, 2011, p. 29). Seni e Shirley, nesse aspecto, mantêm também um elo direto de identificação.

Outras características de Seni também são apresentadas ao leitor, como sua dificuldade de se expressar e sua absoluta necessidade de ir bem na escola – fazendo com que os professores suspeitassem de que alguma cobrança excessiva por parte da família estivesse acontecendo, o que Shirley nega, embora reconheça que a figura paterna ecoa excessivas cobranças em relação à menina, que entrava em pânico, chorava desesperadamente e encontrava abrigo da madrasta que, por sua vez, passou a enfrentar o marido, abraçando “a menina de doze anos” – a que não tinha

parido, mas que tinha certeza ser ela também sua filha (EVARISTO, 2011, p. 31). Na figura materna, Shirley é construída como mulher sensível, acolhedora, forte e corajosa, enfrentando o cônjuge em prol das meninas. Eis o amor que defende frente ao que passou a desconfiar a certa altura da narrativa. A paixão da protagonista, como pulsão para ação, revela-se extrema quando declara que, pelas meninas, morreria ou mataria se fosse preciso. É um amor materno que humaniza e, ao mesmo tempo, mostra-se capaz de ações e de renúncias extremas em nome das filhas.

Na sequência, a tentativa de matar o marido é apresentada ao leitor. Shirley, novamente, repete que não se sente arrependida e, então, é revelado ao leitor o motivo da ira da personagem: o marido havia se encaminhado, devagar, ao quarto de Seni para fazer o que, há anos, vinha fazendo nas partes externas da casa: violentando, sexualmente, a menina. Seni, no entanto, “fez do medo, do pavor, coragem”, decidindo gritar por ajuda e fazendo com que as outras meninas chamassem pelo pai sem que desconfiassem de que ele era o próprio algoz da menina mais velha (EVARISTO, 2011, p. 31).

Shirley, nesse momento, decide salvar Seni com uma barra de ferro na intenção de matar o homem que já não reconhecia como marido, sendo socorrida, primeiramente, pela vizinha e aconselhada pela amiga a fugir de casa após o ato, o que também mostra que outras mulheres são construídas no campo da mobilização da ajuda em relação a ela, numa cadeia de elos-mulheres. A protagonista, no entanto, decide ficar e acolher Seni, parte importante de sua vida: “somente a embrulhei no lençol e fiquei com ela no colo” (EVARISTO, 2011, p. 33). Em partilha de dor, a narradora confessa que choravam enquanto as demais crianças “desesperadamente se agarravam” nela (EVARISTO, 2011, p. 33), com medo de perdê-la, uma vez que era referência de segurança para todas. A essa altura, nada importava à protagonista: o homem no chão, o preço que pagaria. Ela apenas se importava com Seni, reiteradas vezes apresentada na figura de um bebê em seus braços. Era a matriarca, tão presente em África, em defesa das suas meninas.

Shirley, em seguida, narra que cumpriu três anos de pena. Em relação a esse tempo, aponta que sofreu por estar apartada das meninas com quem se reencontra quando sai da cadeia para voltar à rotina cotidiana. Nada mais é dito sobre o homem, que sobrevive, mas desaparece desse núcleo familiar, tal como o pai de suas filhas. A

narradora avalia, enfim, que o casamento experimentado havia sido apenas um passaporte para a liberdade das meninas, que continuaram acolhidas por ela após o desaparecimento do segundo marido. A essa altura, narra que já tem netos, que vivem felizes no prolongamento da chegada de novas crianças. Reafirma, assim, a felicidade a partir da perspectiva da ancestralidade e do elo entre mulheres de uma mesma família assumida, fortalecida em si, dentro das condições e dos eventos possíveis. Seni, a filha ferida, torna-se médica pediatra, a fim de cuidar da vida de crianças. Diferente das irmãs, Seni não se torna mãe, mas escolhe, tal como a madrasta, proteger a infância, o que orgulha Shirley.

A personagem central, nesse conto, nos é apresentada de forma complexa, sobretudo porque coloca a maternidade como ponto de felicidade e de paixão para a personagem que, afetivamente, decide viver em cumplicidade com as meninas que gera e que lhe chegam por outra circunstância da vida. Shirley, ao fim, é passional, revelando que o amor entre gerações de mulheres vulneráveis pode ser o elo que não se rompe quando as violências acontecem. Ela é sacrificada por ter interrompido o ciclo de violência na vida de Seni, o que possibilita também que o leitor se pergunte como a justiça opera diante de um retrato que existe em diversos lares brasileiros e contra o qual inúmeras mulheres e meninas negras precisam lutar para não terem seus corpos violados diariamente. A privação da liberdade de Shirley, no conto, também suscita o questionamento de como vivem mulheres que são encarceradas quando agem em defesa de si e dos seus. Nada é dito sobre o percurso do ex-marido de Shirley, que segue em aberto, possibilitando que leitores também se questionem se ele foi, de fato, punido pelos anos de violação do jovem corpo de Seni, corpo esse que não teve escolhas: foi atravessado por quem mais deveria protegê-lo.

Por fim, selecionamos “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, quinto conto presente em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Em seu início, temos a narradora descrevendo a porta aberta de uma casa e o sorriso fácil de Maria como convites à escuta de sua história de vida, antes presumida como, talvez, comum e desinteressante. Na sequência, entretanto, ela começa a rememorar o percurso de sua vida, da infância roubada da família até o retorno a Flor de Mim, sua terra natal, muitos anos depois – já

em fase adulta, o que mobiliza muitos afetos a partir do deslocamento forçado por seu sequestro por volta dos cinco anos de idade.

Assim, a protagonista começa a apresentação de si por meio de seu nome, dizendo não ser tão imaculada nem cristã assim. Aponta que essa fora uma decisão de sua família, apegada a nomes e a sobrenomes ligados à religiosidade, o que faz emergir o quanto nomes próprios estão conectados à origem, sobretudo em comunidades específicas que se entrelaçam a partir da forma como se denominam, sendo marca de pertencimento e/ou de historicidade.

Ao longo da história de vida, narrada em primeira pessoa, a protagonista dualiza grupos, espaços, movimentos e temporalidades. Primeiro, conta sobre o tamanho de sua família, reunida na varanda da casa pequena, com muitos membros. Narra sobre as brincadeiras entre eles, principalmente relacionadas aos familiares e seus sobrenomes. Salienta o “tempo vadio” e os “assuntos costumeiros”, a infância tranquila, na “vilazinha” onde havia uma escola, até que um jipe chega à localidade e pede “aos grandes” para que possam levar as crianças para dar um passeio. Inocentes, diante de um casal com automóvel, os pais consentem e as crianças passam a circular com o casal que, até então, parecia estrangeiro aos olhos da narradora, em sua perspectiva infantil; talvez, pela não percepção de que o Brasil é um enorme território com diversidade cultural.

Durante o passeio, Maria e Toninho, seu irmão, são levados, por último, para distâncias cada vez mais distantes, o que os assusta pelo afastamento cada vez mais evidente dos seus familiares. Na estrada, entretanto, Toninho é “descartado” e Maria segue viagem, solitária, com o casal, descrito, páginas depois, como frio, indiferente, o que faz com que ela não entenda sua presença em uma casa marcada pela amplitude, pela solidão, pelo aprisionamento e pelo abandono daqueles que foram longe retirá-la de sua família para, em seguida, deixá-la a cargo de uma babá e de uma professora particular com quem, eventualmente, conversa e estabelece relação frágil e passiva, uma vez que só é dado a ela o lugar da escuta e não da oralidade. Durante a passagem do tempo, Maria percebe que é uma criança sequestrada, lembra-se de seus familiares falando sobre escravização de pessoas e aprende a “chorar para dentro”, silenciando contínuas dores diante do apagamento das feições da sua família, que passa

a representar borrões em sua mente, sendo persistentes apenas a voz e o rosto de sua mãe. A oralidade, aqui, diferente da fala da professora, é marcada pela pedagogia familiar frente aos movimentos diaspóricos da negritude. É o ensinamento, desde a infância, presente em Maria.

A menina, diante do cenário, tenta fugir, mas é em vão. Encontra-se no Sul do país, já na fronteira com a Argentina, bem distante de seu local de origem. Passa a sentir, no quatinho em que é depositada, mesmo em casa-grande, cada vez mais a anulação dos afetos, a ausência de diálogo sobre seu passado, o silenciamento de suas memórias, o apagamento de seu nome, uma vez que passa a ser chamada de “menina” (EVARISTO, 2011, p. 47). O casal a bonifica pela “leitura” e pelo “aniversário” com um cachorro e com um rádio, respectivamente. Cada vez que o casal comemora mais um ano de presença de Maria, no entanto, ela contabiliza o tempo de distanciamento de sua verdadeira família: “[...] eu também fazia minha contagem do tempo. Só que os meus termos eram outros.” (EVARISTO, 2011, p. 49).

Com o tempo, o casal se separa e descarta Maria na estrada da vida, como fizeram com seu irmão Toninho, o corpo-pequeno, para eles, desinteressante. A menina, nesse contexto, passa a morar com uma suposta tia de um dos membros do casal, distanciando-se da professora, única pessoa com quem tinha convívio, e do cachorro, ironicamente chamado de Jesuszinho, que morre. Maria, mais uma vez, aprende a calar as emoções diante do sofrimento de rememorar o deslocamento que permanece forçado.

O tempo passa e ela inicia sua difícil jornada no mercado de trabalho, no qual pedem para que ela silencie, inclusive, o rádio. Ela resiste às opressões trabalhistas guiada pelo sentimento de voltar à Flor de Mim – ainda que sentisse inúmeros medos de reencontrar um lugar diferente do que conheceu e de não encontrar ninguém que possa acolhê-la por lá. Maria namora, casa, descasa e não deseja ter filhos. “Tinha medo de perder” (EVARISTO, 2011, p. 51), novamente, os seus e, por essa razão, abortava gestações sempre que surgiam. Tal escolha pode ser entendida sob perspectiva da subjetividade ferida diante do trauma de ter sido apartada dos seus. Adulta, movimenta-se de local em local, cada vez mais próxima de sua origem, como se “a flor de si” ainda estivesse viva.

Entendeu que os estudos também poderiam abrir caminhos e, em uma de suas oportunidades de escolarização – meta estabelecida também para que pudesse voltar aos seus, participou de um “Ciclo de Palestras de Crianças Desaparecidas” (EVARISTO, 2011, p. 53). A temática gerou ansiedade e angústia em Maria, que se sentiu febril e fraca diante do que ouvia, percebendo que a realidade contada nesses locais também tocava em pontos específicos há muito tempo silenciados. O corpo de Maria somatiza e adocece, mas ela decide ir, ouvir e permanecer no Ciclo, onde reconhece um tom de voz parecido com o de sua mãe e de outras pessoas de sua família. Pensou estar enlouquecida (EVARISTO, 2011, p. 53), pensou em ir embora, mas ficou.

Por fim, Maria escuta a história que se funde às imagens que revisita na infância. Ela escuta a narrativa dita por uma mulher que busca sua irmã desaparecida, lembra o jipe, outrora também comparado a um navio negreiro, e desmaia. Acorda, no entanto, no braço dos seus. Entende que a voz irmanada fez com que se reconhecessem e que a busca cessasse, sem que fosse preciso dizer além. Reconheceram-se em sobrevivência, em busca deles mesmos, fazendo com que a flor de dentro voltasse à territorialidade de pertença.

A representação de Maria, tão forte aos olhos do leitor, remete a duas questões muito recorrentes em um país como o Brasil: de um lado, há crianças que são raptadas, cujas famílias passam a vida em busca do reencontro, são crianças com perfil semelhante ao de Maria, levadas do interior do Brasil para outras partes de modo criminoso para todo tipo de atividade; de outro, há uma grande história de dispersão de inúmeros sujeitos africanos que, para cá, vieram em movimento forçado e que passaram toda a vida com sentimentos experimentados pela personagem que, não à toa, provoca a negação do sobrenome de base cristã, braço intrínseco ao processo de colonização de tantos corpos neste território. Acreditamos, fortemente, que a interpretação para a personagem remete a ambas, uma vez que as crianças de cor, empobrecidas, raptadas no interior do Brasil e apartadas de suas famílias são também descendentes de povos que sofreram e que sofrem com a realidade diaspórica no processo de tráfico de pessoas. Maria é a representação de meninas, de mulheres, enfim, de pessoas, que se repete com o tempo. Salta-nos aos olhos que, ainda que muitas pessoas não tenham tido possibilidade de voltar ao Continente-Mãe, de certo, em muitos lugares, se reconheçam

entre irmãs/irmãos que, com elas, possuíam forte conexão ancestral e histórica em prol da própria sobrevivência afetiva e intelectual. É o caso do movimento negro que busca unificar pessoas apartadas de suas origens, de suas famílias, de suas histórias. Em Maria, há, e muito, o medo e o desejo de voltar e de resgatar o originário lugar de onde não se poderia ter saído de modo violento e desumanizador.

Inteligibilidades finais

A partir da análise de quatro contos presentes em duas obras de Conceição Evaristo, *Olhos d'água* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, voltamos o olhar para representação de figuras femininas em uma perspectiva *de dentro* promovida pelo processo de *escrevivência* da autora supracitada. A partir de “Luamanda”, “Cooper de Cida”, “Shirley Paixão” e “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, ressaltamos a pluralidade de representações de mulheres negras, o que, de certo, aponta para a importância de Evaristo para consolidação da literatura negro-brasileira como possibilidade de construir visibilidades e visões plurais sobre grupos, sobretudo femininos, atravessados por eixos, tais como raça, gênero e classe.

Salientamos que a autora desestabiliza questões antes sufocadas no cenário brasileiro em diversas perspectivas. No âmbito social, por exemplo, possibilita pensar o *ser negra (ou o sermos negras)* a partir de múltiplas representações, mostrando que o grupo, apesar de possuir opressões que atravessam suas existências em experiências que as identificam de muitas formas, é heterogêneo e dinâmico, o que também resgata a humanidade sob perspectiva da diversidade.

A partir dessas múltiplas representações, também é possível perceber o inovador trabalho literário de Conceição Evaristo, calcado em dimensões éticas e estéticas, uma vez que, a cada novo trabalho, traz, em sua produção, linguagem própria, inconfundível, e escrita sensível para evocar realidades duras ou amorosas, sendo versátil nas temáticas a partir dos contos apresentados ao leitor. É, dessa forma, uma intelectual negra que, em constante movimento, nos faz pensar: de que formas somos mulheres neste país?; de quantas maneiras somos mulheres negras neste território, com essa historicidade?;

quantas mulheres negras foram apagadas da historiografia ou da teoria crítica da literatura e como elas poderiam ter contribuído – é possível recuperá-las?

Diante da profunda obra *evaristiana*, cabe mais uma vez ressaltar os diferentes lugares que a intelectualidade negra pode e deve acessar, sobretudo, em combate à objetificação imposta por sistemas históricos de opressão, em movimento contínuo da retirada da máscara que insiste em calar vozes dotadas de consciência existencial que combatem desigualdades que ferem pessoas negras, todos os dias, em um Brasil que ainda se pensa e se faz colonial de diferentes modos.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, Miriam. *Brasil Afro autorrevelado: literatura brasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

AMORIM, M. A. de et al. *Literatura na escola*. São Paulo: Contexto, 2022.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. São Paulo, 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

BERNAN, Zila. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BLAY, E. A.; CONCEIÇÃO, R. R. da. A mulher como tema nas disciplinas da USP. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 76, p. 50–56, 1991. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1054>. Acesso em: 16 jul. 2023.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Vida precária. Contemporânea. *Dossiê Diferenças e (Des)igualdades*. n.1, p.13-33, 2011.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação) – Universidade de São Paulo.

CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Orgs). *Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Ideia. 2016.

CUTI, Luiz Silva. O leitor e o texto afro-brasileiro. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; SOARES, Maria Nazareth (Orgs.). *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, v. 20, p. 33-77, 2002. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2214/1773> Acesso: abril de 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. Imagens da mulher na narrativa brasileira. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 15, p. 127-135, dez. 2007. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3267. Acesso: abril de 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. Site do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea. A construção do feminino no romance brasileiro contemporâneo”. Disponível em: <http://gelbcunb.blogspot.com/2015/07/a-construcao-do-feminino-no-romance.html> Acesso em: 16 jul 2023

DALCASTAGNÈ, Regina. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: Alterações e continuidades. *Letras de Hoje*, v. 56, n. 1, p. 40429, 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/40429>. Acesso: abril de 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura Afro-Brasileira. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, Número 23, julho/dezembro, 2010.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Vozes-Mulheres. Poemas de recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nadyala, 2021.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* [1952]. Título original: “Peau noire, masques blancs”. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; SOUZA, Florentina da Silva (Orgs.) *Literatura Afro-brasileira*. Salvador: CEAQ, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 22ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

GOMES, Joceline. O Brasil é racista e eu posso provar. *Favela Potente*, 2018.

Disponível em:

<https://favelapotente.wordpress.com/2018/11/07/o-brasil-e-racista-e-posso-provar/>

Acesso: abril de 2023.

INSTITUTO MARIELLE FRANCO. *Violência Política de Gênero e de Raça no Brasil 2021*. Fabiana Pinto (org.). Disponível em: <https://www.violenciapolitica.org/> Acesso: abril de 2023.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. Trad. Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LORDE, Audre. Use of the Erotic: The Erotic as Power. In: _____. *Sister outsider: essays and speeches*. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984.

LUGONES, Maria de. Colonialidade e gênero. *Tabula Rasa*. Bogotá. nº 9: 73-101, jul-dez, 2008.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Berlim: Editora Cobogó, 2008.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PEREIRA, A. C. F.; FAVARO, N. de A. L. G.; SEMZEZEM, P. . Mulher, escolarização e tendências em curso. *Germinal: marxismo e educação em debate*, v. 13, n. 3, p.

306–323, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/46118> Acesso: abril

de 2023.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América*. Buenos Aires. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor, 2005.

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. História da educação brasileira: a organização escolar. 18. ed. *Revista de Campinas*, SP: Autores Associados, 2003.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. *Mulher negra, Homem branco*. Rio de Janeiro. Pallas, 2004.

SANTOS, Miriam Cristina dos. *Intelectuais Negras: Prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.

SCHWARCZ, Lilia. Moritz; STARLING, Murgel Heloísa *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARCZ, Lilia. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Recebido em 20/04/2023

Aceito em 20/07/2023